



Aproximadamente 10 mil voluntários, que já participaram dos estudos anteriores com a vacina da AstraZeneca e receberam duas aplicações, serão testados com a injeção de reforço para saber se há aumento da eficiência imunológica no combate ao novo coronavírus

# Anvisa autoriza estudo para 3ª dose de vacina

» MARIA EDUARDA CARDIM

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) aprovou, ontem, um estudo para avaliar a necessidade de uma terceira dose da vacina contra a covid-19 da AstraZeneca/Oxford, fabricada no país pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). A pesquisa de fase 3, que vai avaliar a segurança, eficácia e a capacidade de produzir imunidade contra o novo coronavírus, com mais uma aplicação do imunizante, será realizada somente no Brasil. Ao todo, 10 mil voluntários de cinco estados — Rio Grande do Sul, São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro e Rio Grande do Norte — participarão dos testes. Também ontem, a Pfizer iniciou no país um estudo clínico, aprovado pela Anvisa no mês passado, para testar uma dose de reforço pela vacina que produz.



Os voluntários que receberão a terceira dose da AstraZeneca são pessoas que participaram do estudo inicial e, assim, receberam as duas aplicações — será aplicada entre 11 e 13 meses após a segunda. Segundo a Anvisa, o voluntário não saberá se receberá uma injeção de placebo ou de vacina. “Serão incluídos voluntários, com idade entre 18 e 55 anos, que estejam altamente expostos à infecção com o novo coronaví-

rus, como profissionais de saúde. Não serão incluídas gestantes ou pessoas com comorbidades”, explicou a agência reguladora.

A possibilidade de uma terceira rodada de imunização contra a covid-19 é considerada também pela Pfizer. O estudo foi aprovado pela Anvisa e começou ontem em dois centros, que também participaram da primeira pesquisa com a vacina no ano passado. A dose de reforço será aplicada em voluntários com 16 anos ou

mais pelo menos seis meses depois da aplicação da segunda injeção. Ao todo, 885 brasileiros participarão dos testes. Metade foi recrutada pelo centro clínico do Hospital Santo Antônio (HSA) das Obras Sociais Irmã Dulce (Osid), em Salvador, e a outra metade pelo Centro Paulista de Investigação Clínica e Serviços Médicos (Cepic), em São Paulo (SP).

Mas, diferentemente do estudo da terceira dose da AstraZeneca, o da Pfizer será realizado em outros países além do Brasil — Estados Unidos e África do Sul também participarão dos testes e vão recrutar, no total, cerca de 10 mil participantes.

## Sem evidências

Apesar de as pesquisas terem sido aprovadas e os testes inicia-



Teste com a terceira dose da vacina Oxford/AstraZeneca será realizado apenas no Brasil, em cinco estados

dos, ainda não há evidência de que será necessário uma terceira aplicação das vacinas contra a covid-19 utilizadas no Brasil. Mas, mesmo sem essa necessidade, alguns estados e municípios anunciaram a possibilidade. Na semana passada, a Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro divulgou uma previsão para que os idosos com 60 anos ou mais recebam uma além da segunda dose do imunizante entre outubro e dezembro. Ontem, foi a vez do governo de

São Paulo anunciar que o estado iniciará um novo ciclo de imunização contra a covid-19 em janeiro próximo. “O estado seguramente vai iniciar essa campanha de uma nova fase de vacinação a partir do dia 17 de janeiro do próximo ano”, afirmou o secretário de Saúde Jean Gorinchteyn, durante a entrega de mais um lote da vacina CoronaVac ao Programa Nacional de Imunizações (PNI), do governo federal. Apesar do anúncio, ele não informou detalhes sobre o público

prioritário e o número de doses que serão necessárias. O vice-governador de São Paulo, Rodrigo Garcia, informou que ainda não há estudos específicos sobre uma terceira aplicação da CoronaVac, produzida pelo Instituto Butantan. Na última semana, a Anvisa esclareceu que, “até o momento, não há estudos conclusivos sobre a necessidade de uma terceira dose ou dose de reforço para as vacinas contra covid-19 autorizadas no Brasil”. Diante disso, o ministro da

## » Proxalutamida será testada em fase 3

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) autorizou, também ontem, o estudo clínico com o medicamento proxalutamida. A pesquisa de fase 3 avaliará a segurança e eficácia do remédio na redução da infecção viral causada pelo novo coronavírus em voluntários do sexo masculino com covid-19 na forma leve a moderada. O medicamento foi citado pelo presidente Jair Bolsonaro, no último final de semana, como se fosse uma realidade no combate à covid-19, mas sua eficácia ainda não foi comprovada cientificamente. O estudo com a proxalutamida será feito com 12 voluntários do estado de Roraima e 38 de São Paulo. Patrocinado pela empresa Suzhou Kintor Pharmaceuticals, sediada na China, a pesquisa também será realizada na Alemanha, na Argentina, na África do Sul, na Ucrânia, no México e nos Estados Unidos.

Saúde, Marcelo Queiroga, voltou a criticar a antecipação de anúncios para a aplicação de uma terceira dose ou dose de reforço contra covid-19. Para ele, isso causa insegurança na sociedade. “Nós não conseguimos avançar ainda em 100% da população com a primeira dose da vacina. Qual é a evidência científica disponível que nós devamos já começar a falar em uma terceira dose? Isso só leva mais insegurança à população”, ponderou.

## MEIO AMBIENTE

# Amazônia perde, só em junho, 926 km<sup>2</sup> de mata

» FERNANDA STRICKLAND\*  
» GABRIELA BERNARDES\*

Um levantamento do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), divulgado ontem, mostrou que a Amazônia perdeu, em junho deste ano, 926 km<sup>2</sup> de área de floresta, território quase três vezes maior do que a cidade de Fortaleza. De acordo com a pesquisa, o desmatamento acumulado nos últimos 11 meses, de agosto de 2020 até junho de 2021, chegou a 8.381 km<sup>2</sup>. Isso significa um aumento 51% em relação ao período de agosto de 2019 a junho de 2020, que somou 5.533 km<sup>2</sup> de região destruída.

Segundo o Imazon, esse número aponta que o desmatamento na Amazônia deve fechar em alta este mês — para acompanhar o início do período de chuvas no bioma, a análise é feita de agosto de um ano até julho do ano seguinte. Os dados do monitoramento do Sistema de Alerta de Desmatamento (SAD) do instituto mostram que o território derrubado na Amazônia seguiu a tendência de alta no mês de junho, sendo o terceiro maior em 10 anos.

“Assim como já tinha sido observado em outros meses, a destruição da floresta segue avançando pelo Pará e pelo Amazonas, primeiro e segundo estados do ranking dos que mais desmataram em junho. Juntos, somaram 568 km<sup>2</sup> de área devastada, 61% do registrado nos nove estados da Amazônia Legal”, afirmou o instituto.



**A destruição da floresta segue avançando pelo Pará e pelo Amazonas, primeiro e segundo estados do ranking dos que mais desmataram em junho**

Trecho da nota do Imazon

O Imazon classifica o desmatamento como o processo de realização do “corte raso”, que é a remoção completa da vegetação florestal. Segundo a instituição, na maioria das vezes, essa mata é convertida em áreas para pecuária. Já a degradação é caracterizada pela extração das árvores, normalmente para fins de comercialização da madeira. Outros exemplos de degradação são os incêndios florestais, que podem ser causados, por exemplo, por queimadas controladas em áreas privadas para limpeza de pasto, mas que se alastram e perdem o controle quando atingem a floresta.

De acordo com o Imazon, desde 2006, o Pará encabeça a lista dos que tiveram as maiores taxas de desmatamento, segundo o relatório *Debatendo o Plano Esta-*

*dual Amazônia Agora na visão da Sociedade Civil e Academia*, publicado pelo Imazon. Em junho deste ano, o Pará teve quatro municípios no ranking dos 10 que mais desmataram na Amazônia: Altamira, São Félix do Xingu, Novo Progresso e Itaituba, que somaram 174 km<sup>2</sup> de área desmatada (veja quadro).

“Apenas essas quatro cidades concentram 52% de toda a devastação registrada no Pará. E uma parcela do desmatamento que ocorre nesses municípios está situada em áreas sem destinação de uso, o que caracteriza o processo de ocupação da terra através de ações de grilagem para regularização futura”, relata Fonseca.

Ainda segundo o levantamento, o Pará também teve metade das unidades de conservação e metade das terras indígenas que figuram nos rankings das 10 que mais desmataram no bioma em junho. Além disso, quatro dos 10 assentamentos com as maiores áreas devastadas no mês passado também ficam no estado.

No Amazonas, a destruição do bioma segue aumentando na região mais ao sul, onde ficam quatro dos 10 municípios que mais desmataram em junho: Lábrea, Apuí, Boca do Acre e Novo Aripuanã. Juntos, somaram 143 km<sup>2</sup> de floresta destruída em junho. Além disso, metade dos 10 assentamentos com as maiores áreas devastadas ficam em território amazonense.

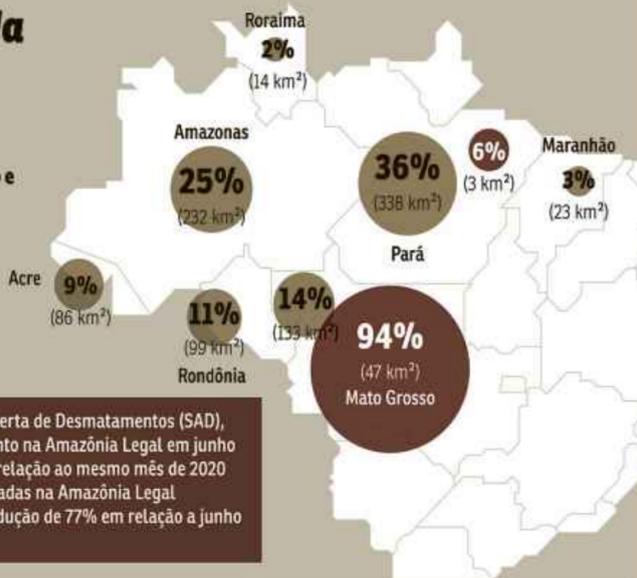
\*Estagiárias sob a supervisão de Fábio Grecchi

## Terra arrasada

Números de um flagelo que consome o grande bioma brasileiro

### Proporção de desmatamento e degradação por estado

- Desmatamento
- Degradação



De acordo com o Sistema de Alerta de Desmatamentos (SAD), foram 926 km<sup>2</sup> de desmatamento na Amazônia Legal em junho passado, aumento de 10% em relação ao mesmo mês de 2020 (842 km<sup>2</sup>). As florestas degradadas na Amazônia Legal somaram 50 km<sup>2</sup> em junho, redução de 77% em relação a junho do ano passado (216 km<sup>2</sup>).

### Geografia do desmatamento

Em junho de 2021, a maioria (63%) dos desmatamentos ocorreu em áreas privadas ou sob diversos estágios de posse. O restante foi em Assentamentos (22%), Unidades de Conservação (13%) e Terras Indígenas (2%).

#### Municípios críticos

Altamira (PA)	61 km <sup>2</sup>
São Félix do Xingu (PA)	48 km <sup>2</sup>
Lábrea (AM)	47 km <sup>2</sup>
Novo Progresso (PA)	42 km <sup>2</sup>
Apuí (AM)	41 km <sup>2</sup>
Porto Velho (RO)	37 km <sup>2</sup>
Boca do Acre (AM)	35 km <sup>2</sup>
Itaituba (PA)	23 km <sup>2</sup>
Feijó (AC)	21 km <sup>2</sup>
Novo Aripuanã (AM)	20 km <sup>2</sup>

#### Unidades de conservação mais atingidas

APA Triunfo do Xingu (PA)	54 km <sup>2</sup>
Flona do Jamanxim (PA)	26 km <sup>2</sup>
Resex Chico Mendes (AC)	7 km <sup>2</sup>
Flona de Altamira (PA)	6 km <sup>2</sup>
APA do Tapajós (PA)	4 km <sup>2</sup>
Resex Guariba-Roosevelt (MT)	2 km <sup>2</sup>
PES Guajará-Mirim (RO)	2 km <sup>2</sup>
Flona do Bom Futuro (RO)	2 km <sup>2</sup>
Flona de Itaituba II (PA)	2 km <sup>2</sup>
Esec da Terra do Meio (PA)	2 km <sup>2</sup>

#### Terras indígenas mais atingidas

TI Apyterewa (PA)	5 km <sup>2</sup>
TI Trinchira/Bacajá (PA)	2 km <sup>2</sup>
TI Kayapó (PA)	1 km <sup>2</sup>
TI Mundurucu (PA)	1 km <sup>2</sup>
TI Cachoeira Seca do Iriri (PA)	1 km <sup>2</sup>
TI Jauary (AM)	1 km <sup>2</sup>
TI Karipuna (RO)	1 km <sup>2</sup>
TI Sete de Setembro (MT/RO)	0,5 km <sup>2</sup>
TI Manoki (MT)	0,5 km <sup>2</sup>
TI Uru-Eu-Wau-Wau (RO)	0,4 km <sup>2</sup>

Fonte: Imazon

